

'Política só tem uma porta: a de entrada'

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Ele deveria se chamar José Adriano, mas acabou recebendo o nome de José de Ribamar. Renunciou à presidência do PDS, anunciando que não queria mais qualquer cargo. Indicou Marco Maciel para vice de Tancredo Neves, recusando inicialmente convite que lhe fora destinado, mas acabou aceitando e sendo efetivado por cinco anos como presidente da República, após a morte de Tancredo. Ao deixar o Palácio do Planalto, jurou estar encerrando a vida pública e, menos de um ano depois, candidatou-se e foi eleito senador pelo Amapá.

Três anos e meio depois, ofereceu-se ao PMDB, seu partido, como candidato à sucessão do presidente Itamar Franco, mas perdeu a indicação para Orestes Quérzia. Prometeu não disputar mais nada. Acaba de vencer dois fortes oponentes, Pedro Simon e Iris Rezende, assumindo assim a presidência do Senado.

— Ninguém governa a vida. A política só tem uma porta, a da entrada — justifica.

Sarney, como presidente da República, conviveu com um Legislativo em ebólition. Recebia críticas nas sessões da Câmara, do Senado, do Congresso e a Constituinte ainda tentou retirar os poderes presidenciais, instalando o parlamentarismo. Tam-

bém tentaram reduzir seu mandato de seis para quatro anos. Quase todo um mandato dedicado a críticas à Constituição, segundo ele mesmo alega, o motivou a disputar a presidência do Senado. Irônico com os adversários, na intimidade ele atribui ao adversário Pedro Simon seu retorno ao poder:

— O Simon veio me atiçar: "Sarney não pode não pode representar o PMDB". Aí não houve jeito.

Sarney tirou Simon do páreo e usou de sua força política para derrotar outro gaúcho, o senador José Fogaça, que disputou e perdeu a liderança do PMDB no Senado para o paraense Jáder Barbalho, ex-ministro de seu governo. Sarney, hoje, é praticamente o dono do PMDB.

O presidente do Senado não fala sobre sucessão presidencial. Acha cedo, mas considera engracado que seus adversários tenham se apegado a um trecho de seu pronunciamento na reunião interna da bancada para tentarem alijá-lo desde já da disputa. Segundo eles, Sarney teria declarado em alto e bom som que estava se candidatando à presidência do Senado com o compromisso de não ser mais candidato à Presidência da República.

— Essa gente parece que não viveu a recente História do Brasil. Quem preverria que seriam presidentes Sarney, Collor, Itamar e Fernando Henrique?